

SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2009

ANO 10 - Nº 36

PUC Viva

WWW.APROPUCSP.ORG.BR

Publicação acadêmica e informativa quadrimestral dos professores da PUC-SP



AGRICULTURA NO BRASIL

ISSN 1806-3667

A AGRICULTURA BRASILEIRA

A Revista PUCViva nº 36 debate a questão da agricultura no país. A gravíssima situação de concentração da propriedade de terra, no Brasil, encontra-se a serviço do agronegócio, das corporações transnacionais, que estão presentes nos aparelhos estatais e nos acordos internacionais, do Fundo Monetário Internacional, da Organização Mundial do Comércio e do Banco Mundial, seguindo a lógica destrutiva do capital no âmbito internacional.

A estrutura agrária brasileira constitui-se em uma das mais retrógradas do mundo, com enormes extensões de terra concentradas nas mãos de poucos latifundiários, para fins altamente lucrativos. Os capitais agrário, industrial e financeiro são parte da mesma lógica de acumulação capitalista, que tem na força de trabalho humano, da cidade e do campo sua mercadoria primeira, fonte de lucro pela superexploração do trabalho na extração da mais-valia.

As reformas agrárias realizadas em muitos países do mundo, como reformas democráticas, não tiveram paralelo no Brasil. No atual estágio do desenvolvimento capitalista internacional, das forças produtivas e das relações sociais de produção, lutar pela reforma agrária significa lutar pelo fim da propriedade de terra, que é dominada pelos grandes latifúndios, pelas transnacionais, pelo grande capital. Portanto, a luta pela reforma agrária é, cada vez mais, uma tarefa dos trabalhadores rurais e urbanos, na perspectiva da classe trabalhadora, pois coloca na ordem do dia a questão da propriedade de terra, que expressa a contradição do antagonismo de classe.

O cultivo da monocultura em grandes extensões de terra tem ampliado as desigualdades no campo, pelo incentivo da agroexportação de soja, da qual somente uma pequena parte é destinada ao consumo humano, da plantação de cana de açúcar para a produção de etanol, da produção agropecuária, que depende de produtos industriais dominados pelas transnacionais com incentivo do governo, que subsidia a expansão do agronegócio. Esse processo tem gerado um empobrecimento do pequeno agricultor, materializado na queda das condições de vida dos trabalhadores do campo, com precário sistema de assalariamento, com poucos – ou nenhum – direitos trabalhistas e previdenciários; na ampliação do desemprego rural; nos deslocamentos e expulsão de populações rurais; na supressão das matas nativas para o crescimento de áreas de pastagens; na alteração da vida e entrave à reprodução social de pequenos agricultores familiares, das comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas; na regressão ao trabalho escravo; na existência e exploração do trabalho infantil; na ampliação de mortes por fadiga. Para que os latifundiários e empresários do agronegócio se sustentem, são ampliadas as repressões policiais às ocupações de terra realizadas pelos trabalhadores rurais sem terra, na luta pela reforma agrária, pelo direito a terra.

É nessa conjuntura de superexploração dos trabalhadores rurais, de interesses do capital industrial e agrário sob a lógica do grande capital, que a Revista apresenta um Manifesto da Via Campesina e dez artigos escritos por militantes da área, representantes de movimentos sociais, estudiosos e pesquisadores que expõem dados, análises e propostas para enfrentar o grande capital alicerçado na destruição de milhares e milhares de vidas, ampliando a desigualdade que se configura no espelho da barbárie em que vive a maior parte da humanidade.

O manifesto da Via Campesina fornece o quadro da situação do campo, com suas mazelas, e indica referências programáticas para todos os que lutam por uma sociedade igualitária. Os artigos encaminham-se para uma análise do capitalismo contemporâneo, em que as estratégias utilizadas para a reestruturação produtiva na esfera da produção industrial se repetem e se reproduzem no processo de acumulação flexível nas relações de trabalho no campo, ou seja, as de ampliação da superexploração da força de trabalho pela mais-valia relativa e absoluta, para que o capital recupere e amplie suas taxas de lucro.

Alguns artigos tratam da liberalização comercial como uma das medidas neoliberais que ampliam as crises alimentar e agrária, pela forte dependência econômica da agricultura em relação à indústria e ao sistema financeiro, com a crescente liberalização dos mercados globais aos quais a produção e a comercialização agrícola se subordinam. No processo da chamada “Revolução Verde”, o emprego intensivo e extensivo de agroquímicos e motomecanização pesada levaram à degradação de recursos naturais essenciais, destruindo modos de vida e cultura em um produtivismo predatório. Escancaram-se os impérios alimentares, que reduzem o alimento a “mercadoria” designada para o capital no modelo agrícola dominante, que levam milhões de pessoas a permanecerem submetidas à fome e a desnutrição. Os agrotóxicos e os transgênicos, meras fontes de obtenção de lucro para as indústrias e produtores do agronegócio, se transformam em uma tecnologia perigosa, que causa danos à saúde. Esse processo lucrativo detona a soberania alimentar e energética.

A poupança pública, no Governo Lula, destina 100 bilhões de reais anualmente para o agronegócio, e a reforma agrária fica no papel.

A luta pela reforma agrária, pelo direito a terra, por um programa agrícola e hídrico que priorize a soberania alimentar, pela produção de alimentos saudáveis, pela policultura na produção diversificada, pelo fim da concentração da propriedade da terra, pelo desmatamento zero, pela expropriação de toda fazenda que explore trabalho escravo, pela cessão da terra para quem nela mora e trabalha, pela preservação ambiental, configura o plano de lutas apresentado pela plataforma da Via Campesina.

Agradecemos a todos que colaboraram para que essa revista fosse viabilizada, enviando seus artigos. À Professora Marijane Vieira Lisboa, fica o agradecimento pela coeditoria geral deste número.

Desejamos uma ótima leitura a todos!

Professora Maria Beatriz Costa Abramides

Editora Geral

